“Acompanhamento longitudinal de uma criança do CCazinho”

Isabella de Cássia Netto Moutinho

Profa. Dra. Maria Irma Hadler Coudry

Instituto de Estudos da Linguagem

Financiamento: PIBIC/CNPq

Palavras Chave: Neurolinguistica-aprendizado-fala-leitura-escrita

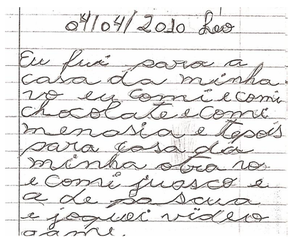
LP, 10 anos, cursa a 5ª ano do EF e freqüenta o CCazinho desde agosto de 2009. Em 2008, a escola suspeitava que ele tinha Dificuldade de aprendizagem e que por isso necessitava de acompanhamento específico para as questões relativas à leitura e à escrita. No CCazinho, teve a fala, a leitura e a escrita avaliadas na perspectiva da **Neurolinguística Discursiva**. Na avaliação, constatou-se que LP apresentava dessonorização de obstruintes, que transpunha para o plano da leitura e da escrita - o que era um sério complicador no domínio dos processos de leitura e escrita, mas não o único.

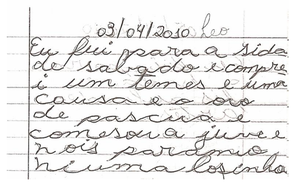
O **CCazinho** foi idealizado pela professora Maria Irma Hadler Coudry, que, junto a outros colegas do **IEL** (Scarpa, Mayrink-Sabinson, Possenti, Abaurre), se envolve com questões relacionadas a avaliação e diagnósticos de aprendizado de leitura e escrita desde 1985. Ao longo dos acompanhamentos, o que ficou claro para os pesquisadores do CCazinho é que as **dificuldades normais** que as crianças apresentam durante o aprendizado da leitura e da escrita começaram a ser interpretadas como sintoma de uma patologia – o que redunda em Dislexia, TDA, TDAH, Dificuldade de aprendizagem, Déficit do processamento auditivo) A principal proposta do CCazinho é acompanhar as crianças encaminhadas em suas dificuldades com leitura e escrita e **despatologizar** as dificuldades normais deste processo de aprendizagem. Para tal despatologização, busca-se proporcionar às crianças e adolescentes com dificuldades de leitura e escrita, oportunidades de conviver com a linguagem em suas diferentes manifestações e momentos em que possam refletir sobre a própria leitura e escrita junto a outras crianças e junto aos **cuidadores**/pesquisadores.

(Re)Descobrindo a leitura e a escrita: para que ler e escrever?

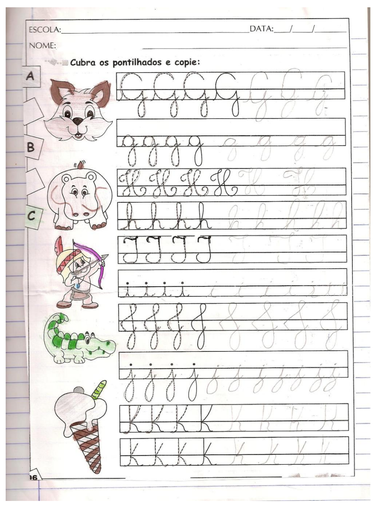
Um dos principais objetivos foi refletir junto a LP que não há como trabalhar a escrita sem escrever ou a leitura sem ler (POSSENTI, 2005). A proposta de reescrever seus textos se faz fundamental no acompanhamento longitudinal: à medida que revisa e reescreve seus textos junto às cuidadoras, LP vai além da identificação de instabilidades ortográficas, mas também amplia sua competência lingüística quando levado a elaborar diferentes frases para expressar um mesmo sentido: o que se faz fundamental para que possa escrever e ler textos variados.

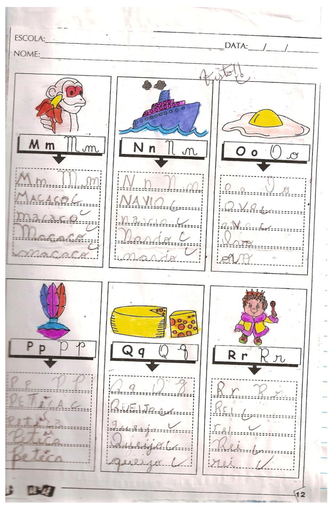
A leitura de Possenti (2005) foi essencial para ampliar tal reflexão sobre escrita e reescrita de textos: o autor propõe que a escrita dos textos e fundamentalmente sua reescrita regular, na escola e fora dela, são maneiras de se passar a dominar normas ortográficas, gramaticais e de textualidade. O autor considera que o domínio das regras ortográficas está relacionado menos à construção e mais à memória, se fazendo na prática regular e atenta da leitura e da escrita.





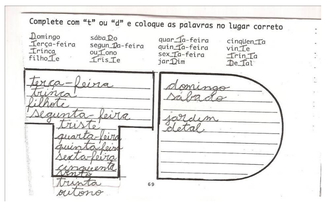
Na escola, LP tinha poucos oportunidades de refletir sobre sua leitura e escrita: a maioria dos exercícios consistiam em cópias de textos que a professora colocava na lousa, exercícios tirados de cartilhas, palavras que ele deveria copiar ao menos cinco vezes.

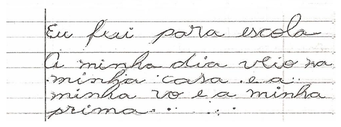




Retomando Possenti (2005), o que percebi analisando os cadernos de LP é que ele acertava no exercício mas errava no texto, o que não corresponde a uma vivência que leva ao aprendizado.

A partir dos exercícios propostos pela professora, podemos inferir sobre a concepção de linguagem que permeia a prática escolar. A língua é encarada como um sistema fechado, dissociado das atividades que a criança realiza em outros contextos. Não se incorporam aspectos histórico-sociais, culturais e ideológicos, e acredita-se ensinar escrita e leitura por meio de exercícios metalinguísticos, não proporcionando oportunidades para que a criança reflita sobre como atua na e pela linguagem (COUDRY,1988) Segundo Vallim (2006), o modelo de escrita é idealizado, mas os alunos são reais.





Com a suspeita de um diagnóstico, crianças são encaminhadas a clínicas nas quais profissionais da saúde em geral não têm formação lingüística e aplicam testes que encaram a linguagem como um código, apagando seu caráter polissêmico, e sua constituição histórico-social. O sujeito, da mesma maneira, é apagado: sua história, posição social, as relações com a escrita e as relações afetivas não são levadas em contas, o que leva, inevitavelmente, ao diagnóstico de patologia na maioria das vezes equivocado. Receber um desses diagnósticos faz com que o sujeito assuma a condição em que é colocado e que a aceite enquanto tal, justificando assim seus fracassos ao longo da vida. Este trabalho mostrou que é possível mudar essa realidade através de um outro olhar para o sujeito e através de uma outra perspectiva sobre a linguagem, utilizando atividades contextualizadas e colocando as crianças como protagonistas principais do processo de aprendizagem e olhando para seus erros como parte do processo de aprendizagem.

LP não apresenta a patologia do qual suspeitava a professora e nenhuma outra. Vemos que o caso de LP é mais um entre tantos que ocorrem nas escolas do Brasil, públicas ou privadas. Vemos que LP foi apresentado a atividades contextualizadas, foi levado a refletir sobre sua escrita e leitura conseguiu superar suas dificuldades.No CCazinho, o que buscamos, é o encontro com o sujeito em sua multiplicidade, sua relação com o outro, com a linguagem e consigo mesmo. Buscamos proporcionar ao sujeito o encontro consigo mesmo, com outros sujeitos e com um novo olhar para a linguagem. Não negamos, aqui, que existam patologias que interferem no aprendizado das crianças, mas não na quantidade em que são apontadas atualmente. O que queremos enfatizar, é que, quando acreditamos no potencial da criança, quando não desistimos de seu aprendizado, as dificuldades se tornam apenas uma parte do processo do aprendizado, e não a barreira que separa a criança de uma vida produtiva e repleta de oportunidades.